Tempo & Argumento
e-ISSN 2175-1803

Caudilho e general: a construção da liderança e da masculinidade de franco sob a escrita de Jose Millán-Astray

/tempoeargumento
@tempoeargumento
@tempoeargumento

Fernando Bagiotto Botton
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
Parnaíba, Piauí – BRASIL
lattes.cnpq.br/0323206872397325
fernandobotton@phb.uespi.br
orcid.org/0000-0001-7354-2044

Editores Responsáveis (Convidados):

Robert Sean Purdy
Universidade de São Paulo
orcid.org/0000-0001-6859-3525

Kauan Willian dos Santos
Universidade Federal de São Paulo,
orcid.org/0000-0003-3677-9397

http://dx.doi.org/10.5965/2175180318472026e0101

Recebido: 12/05/2026
Aprovado: 15/09/2026

BY-NC-ND

UDESC UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA | FAED Centro de Ciências Humanas e da Educação | PPGH Programa de Pós-Graduação em História

Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 18, n. 48, e0101, dez. 2026

Caudilho e general: a construção da liderança e da masculinidade de franco sob a escrita de Jose Millán-Astray[1]

Resumo

Por meio dos escritos do general José Millán-Astray analisamos a construção simbólica, política e intelectual da liderança do general Francisco Franco durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), com foco na caracterização de gênero e na masculinidade. Argumentamos que o referido general elaborou um projeto ético e político, não apenas para legitimar o golpe militar e unificar forças sublevadas heterogêneas através da forja de um líder viril, guerreiro e racional, mas também para definir as características demandadas, pelo próprio autor e seu grupo político, ao líder que se afigurava. Ao evocar o controle das emoções, a bravura legionária e a lealdade militar cega de Franco, demonstra-se que os textos de Millán-Astray não eram meras adulações hagiográficas, mas sim dispositivos estruturantes para moldar condutas e estabelecer um tipo específico de liderança que podemos conceber como caudilhagem. A pesquisa conclui que a mobilização da masculinidade bélica serviu não apenas para validar a figura de Franco como Caudilho no poder, mas também para alinhar o emergente Estado fascista espanhol aos seus equivalentes europeus, ditando novas normas de obediência e submissão à sociedade civil.

Palavras-chave: Francisco Franco; guerra civil; fascismo; masculinidade; liderança política.

Caudillo and general: the construction of franco's leadership and masculinity in the writings of José Millán-Astray

Abstract

Through the writings of General José Millán-Astray, we analyze the symbolic, political, and intellectual construction of General Francisco Franco's leadership during the Spanish Civil War (1936-1939), focusing on the characterization of gender and masculinity. We argue that the aforementioned general developed an ethical and political project, not only to legitimize the military coup and unify heterogeneous rebel forces by forging a virile, warrior-like, and rational leader, but also to define the characteristics demanded by the author himself and his political group from the emerging leader. By evoking Franco's emotional control, legionary bravery, and blind military loyalty, it is demonstrated that Millán-Astray's texts were not mere hagiographic adulations, but structuring devices to shape conduct and establish a specific type of leadership that we can conceive as caudillism (caudilhagem). The research concludes that the mobilization of martial masculinity served not only to validate Franco's figure as Caudillo in power, but also to align the emerging Spanish fascist State with its European equivalents, dictating new norms of obedience and submission to civil society.

Keywords: Francisco Franco; civil war; fascism; masculinity; political leadership.

[1] A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq por meio de Bolsa de Pós-doutorado no Exterior – PDE Processo 200405/2025-0. Também foi desenvolvida graças à licença expedida pela Universidade Estadual do Piauí.

Caudillo y general: la construcción del liderazgo y la masculinidad de franco bajo la escritura de José Millán-Astray

Resumen
A través de los escritos del general José Millán-Astray analizamos la construcción simbólica, política e intelectual del liderazgo del general Francisco Franco durante la Guerra Civil Española (1936-1939), centrándonos en la caracterización de género y masculinidad. Argumentamos que dicho general elaboró un proyecto ético y político, no solo para legitimar el golpe militar y unificar a las fuerzas sublevadas heterogéneas mediante la forja de un líder viril, guerrero y racional, sino también para definir las características exigidas, por el propio autor y su grupo político, al líder que se perfilaba. Al evocar el control de las emociones, la bravura legionaria y la lealtad militar ciega de Franco, se demuestra que los textos de Millán-Astray no eran meras adulaciones hagiográficas, sino dispositivos estructurantes para moldear conductas y establecer un tipo específico de liderazgo que podemos concebir como caudillaje. La investigación concluye que la movilización de la masculinidad bélica sirvió no solo para validar la figura de Franco como Caudillo en el poder, sino también para alinear al emergente Estado fascista español con sus equivalentes europeos, dictando nuevas normas de obediencia y sumisión a la sociedad civil.

Palabras-clave: Francisco Franco; guerra civil; fascismo; masculinidad; liderazgo político.

Introdução

A ideia principal deste artigo é compreender algumas das lógicas de construção simbólica, política, intelectual da efígie de Francisco Franco no desenrolar da Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939) por meio de algumas noções transversais, em especial a caracterização de gênero e a masculinidade. Há uma enormidade de pesquisas aprofundadíssimas que se dedicaram à tarefa de estudar a ascensão do generalíssimo ao posto de *Caudillo* (Preston, 1994; Reig Tapia 1995, Saz Campos, 2012; Zenobi, 2011; Moradiellos, 2002; Sevillano, 2010; Box, 2010; Morant i Ariño, 2010,), além de uma fértil historiografia que compreende a história do franquismo sob a insígnia da virilidade (Vincent, 2006; Aresti 2010; Box, 2017, 2025; Jiménez Aguilar, 2023; Noblet, 2021, 2022; Alcalde, 2018; De Castro, 2015; Sánchez Zapatero, 2017; Andreu Miralles, 2022, *et. al.*). Nosso intuito é seguir essas pesquisas e investigar a formação do franquismo durante a Guerra Civil Espanhola por meio dos tratados escritos por um dos mais importantes generais e propagandistas do bando sublevado da Guerra Civil: José Millán-Astray (1879-1954). Seus escritos não são apenas biografias nem simples panfletos, tratava-se de livros geralmente publicados em editoras oficiais de propaganda da ditadura,

e financiadas por ela, compreendendo os elementos intelectuais e ideológicos para a estruturação de um discurso de poder e de gênero acerca da liderança de Franco. Um dos principais objetivos desses tratados escritos por Millán-Astray era inaugurar uma relação binária entre o líder e as massas que, em nossa perspectiva heurística e hermenêutica, são equivalentes à estruturação de gênero masculino-feminino.

Nesses tratados, podemos observar as formulações simbólicas acerca da personalidade e liderança de Franco sob uma ótica que encontra caminhos diversos à constituição do franquismo enquanto dispositivo de poder governamental/ditatorial, ou seja, tais tratados se referem mais à concepção política do tratadista que escreve e das estratégias empreendidas pelo grupo militar que defendia, do que acerca de Franco e sua personalidade em si. Isso se fazia importante já que desde o início da Guerra Civil o poder no franquismo era fragmentado, plural e muito pouco consensual. Dessa forma, diversas forças políticas, intelectuais e ideológicas em coalizão concorriam em relação à significação daquilo que estava se gestando enquanto um líder para a Espanha sublevada, especialmente nos albores de um conflito armado ainda não decidido e duvidoso. Por isso a importância de textos como *Franco, El Caudillo* do general José Millán-Astray (1939), já que é considerado um dos textos inauguradores da efígie de *Caudilho* adotada pelo general e, doravante, por todo o regime. É nesse texto que o general busca significar a liderança e a masculinidade de Franco que se construía aos tropeções no decorrer de uma Guerra Civil sangrenta, que demandava todo esforço de construção de liderança, tanto para a arregimentação de apoio e legitimidade popular quanto para a influência política estratégica nos significados simbólicos do ditador que, aos poucos, se perfilava como futuro líder nacional.

Uma arquitetura de construção de liderança

No caso do franquismo há pelo menos mais de uma dezena de tratados publicados e financiados direta ou indiretamente pelo departamento de propaganda do regime golpista que tentava se viabilizar junto à população durante uma sangrenta Guerra Civil; justamente por isso, o interesse na mobilização de

massas em seu entorno político por meio da imagem de um líder como Franco a centralizar os esforços, legitimar e angariar apoio público à guerra e à própria liderança do *Caudillo* (Box, 2010; Morant i Ariño, 2010).

Para além da construção do caudilhismo em Franco, nossa proposta é justamente analisar os tratados de Millán-Astray, embasados em hierarquias e metáforas de gênero. Nos concentraremos em suas lógicas internas de crenças, valores, estratégias políticas, argumentações de convencimento e toda uma engenharia ética e moral que os tornam únicos e riquíssimos para que se possam analisar os projetos e anseios filosóficos, psicológicos, políticos, científicos e intelectuais por trás da construção da liderança de Franco em meio à Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Tais 'adulações' escritas por Millán-Astray possuíam suas estratégias próprias, não apenas textuais, mas também políticas, que abrangiam muito mais que a pura bajulação, estruturavam uma *moralia* patriótica, de gênero e condução de condutas para o espanhol sublevado no período da guerra. Tal construto intelectual pretendeu moldar não apenas uma figura mitologicamente constituída de Franco enquanto líder, mas também buscou influenciar psicologicamente as massas espanholas, constituir as bases da cultura política a ser imposta pelo novo regime, além de promover a união nacional e noticiar ao povo as principais conotações éticas, políticas, morais e ideológicas de Franco, que nele se espelharia em processo sociopsicanalítico de *identificação* (Freud, 2011). Isso é, sob a insígnia amorosa com relação a Franco poder-se-ia transportar suas características morais ao próprio *ideal de eu* dos seguidores, a ponto de se identificarem e performarem, enquanto pais/mães, trabalhadores, cristãos, sob a insígnia desse laço sociopolítico afetivo com Franco, lastreada pelo mais profundo nacionalismo espanhol.

Advertimos que não é uma questão em nossa pesquisa verificar se esses escritos realmente foram bem-sucedidos, se essa identificação foi aceita, se a população espanhola de fato acreditou na superioridade de Franco enquanto líder de massas ou se apenas suportou seu autoritarismo, muito embora não faltem indícios de que realmente haja grande aderência popular ao projeto franquista. Apenas o fato de haver um discurso sob pressupostos políticos e epistemológicos

já é suficiente para compreendermos alguns dos projetos de caracterização estratégica, ética e moral que se pretendia emitir na Espanha dos anos 1930 com relação ao líder emergente. Desta forma, podemos compreender os tratados de Millán-Astray como simultaneamente gestantes e certidões de nascimento de sua liderança, que pouco tem a ver com o Franco físico, mas que buscaram inventar uma imagem autoritária de líder forte para ele, e que demandaram dele uma imagem pela qual passaria a ser retratado. Para isso, Millán-Astray utilizou todos os argumentos razoáveis e não razoáveis para afirmar a precedência de um líder moralmente, masculinamente, psicologicamente e até mesmo divinamente predestinado à liderança e ao mando da Espanha. Para além disso, também buscou embutir nessa imagem criada de Franco as características pessoais desejadas a todo cidadão que se pretendia genuinamente patriota ou verdadeiro espanhol conflagrado. Assim, tais tratados serviram não apenas na delimitação de uma personalidade militar e guerreira para Franco – que doravante deveria se compatibilizar com essa imagem dele construída – como também buscaram atuar de maneira pedagógica na tentativa de controle de conduta tanto do próprio líder, quanto das massas espanholas que o seguiram obedientemente.

Em leitura retrospectiva, a liderança de um dos ditadores mais longevos da Europa novecentista parece ser uma construção implacável, sólida e planejada. Contando com montanhas de escritos sobre sua biografia, sua trajetória de vida e seus feitos, Franco é um líder que possuiu praticamente uma historiografia inteira para tratar sobre sua efígie. Os espectros do caudilho estão muito bem retratados por uma série de importantes leituras acadêmicas (Preston, 1994; Reig Tapia 1995, Saz Campos, 2012; Zenobi, 2011; Moradiellos, 2002; Sevillano, 2010; Box, 2010; Morant i Ariño, 2010) que, por sua quantidade e profusão, podem até nos transmitir a impressão de que houve uma estratégia elaborada e formalmente executada para a construção dessa imagem inspiradora de liderança, mas não é isso que tais obras afirmam. Pelo contrário, no calor da insurgência militar e da Guerra Civil, Franco não era uma obviedade e tampouco figurava entre os prediletos a assumirem o posto máximo de liderança da Espanha. Diversos fatores absolutamente aleatórios mudaram os rumos dos acontecimentos e permitiram que Franco ascendesse enquanto líder, tal como o próprio acidente

aéreo de 20 de julho de 1936 que ceifou a vida do General José Sanjurjo, um dos principais candidatos ao posto de liderança dos rebelados. Toni Morant i Ariño afirma que

> Politisch betrachtet wäre Franco ohne Bürgerkrieg wahrscheinlich ein Niemand geblieben. Tatsächlich gehörte er bis 1936 nicht zu den sogenannten "politischen Generälen", welche während der Monarchie (bis 1930) und der Republik (1931-1936) am öffentlichen Leben mitgewirkt hatten[2] (Morant i Ariño, 2010, p. 160).

Ou seja, não há nada de predestinado e providencial em sua biografia. Trata-se de uma construção que ocorreu, de certa forma, às pressas e aos tropeços no decorrer de uma Guerra Civil incerta, que demandava alguém assumir o controle das frentes de batalha, e Franco era apenas uma das diversas possibilidades. Toni Morant i Ariño comenta que apesar de não ser o candidato preferencial,

> Ohne eine belastende Vergangenheit erfreute sich Franco hingegen an den jüngsten militärischen Erfolgen, dem Ansehen der deutsch-italienischen Verbündeten (und deren materieller Hilfe) und einer gewissen Popularität. Ferner stellten ihm sein anerkannter Pragmatismus und die ihm unterstellte „politische Neutralität" eine taktische und bevorzugte Unterstützung seitens aller Rechtsgruppen zur Verfügung; jede Gruppierung erhoffte sich für ihre Unterstützung eine vielversprechende politische Entwicklung im künftigen Nationalspanien[3] (Morant i Ariño, 2010, p. 162).

No decorrer de uma Guerra Civil, a premente necessidade de um comando centralizado e uma liderança "carismática", aos olhos de grupos fascistas, parecia ser uma necessidade urgente. E por isso, logo após a nomeação de Franco como *generalíssimo* a comandar as forças armadas de terra, céu e mar, em 21 de setembro de 1936, clamou-se por intelectuais falangistas, propagandistas militares e clérigos católicos para construírem uma efígie pública de um líder que poderia concentrar em sua pessoa a condução e os esforços de guerra dos sublevados, bem como dar uma face pública e até mesmo simpática à população

[2] Do ponto de vista político, Franco provavelmente teria permanecido um ninguém se não fosse a Guerra Civil. De fato, até 1936 ele não fazia parte dos chamados "generais políticos", que haviam participado da vida pública tanto durante a monarquia (até 1930) quanto durante a república (1931–1936). (Tradução do Autor).

[3] Sem um passado comprometedor, Franco, por outro lado, desfrutava dos recentes sucessos militares, do prestígio dos aliados germano-italianos (e de sua ajuda material) e de certa popularidade. Além disso, seu reconhecido pragmatismo e a "neutralidade política" que lhe era atribuída garantiam-lhe um apoio tático e preferencial por parte de todos os grupos de direita; cada facção esperava que, ao apoiá-lo, pudesse assegurar uma evolução política promissora no futuro Estado Nacional da Espanha (Tradução do Autor).

espanhola, buscando garantir apoio, adesão e autoridade no sentido de justificar uma guerra fratricida e sanguinolenta iniciada por um levante militar golpista contra um governo democraticamente eleito.

Esse perfil aparentemente neutro de Franco e com boas relações com regimes fascistas como Alemanha e Itália lhe garantiu algum tipo de notoriedade entre os pares generais. Justamente por ter essa posição e assumir o comando de todas as forças em meio a grupos tão heterodoxos passou a assumir o espectro de fiel da balança, ao se estruturar uma complexa lógica de poder em que se equilibravam projetos distintos e perspectivas múltiplas que apenas se aglutinaram uniformemente no entorno do combate aos republicanos (incluindo socialistas, comunistas e anarquistas). Franco passou, então, a atuar como malabarista a equilibrar os interesses do partido fascista da falange, de seus camaradas militares, da influente Igreja Católica, além dos reacionários carlistas e demais elites eclesiásticas e políticas regionais. Cada um desses grupos possuía em comum o desejo golpista pela quebra da ordem republicana, liberal, socialista e democrática; pela manutenção das tradições católicas e elitistas espanholas, além do interesse na instituição de um poder centralista, controlador e ultranacionalista.

À parte disso, seus interesses eram dispersos e algumas vezes até mesmo conflitantes, sendo instituída, já no interior do período de Guerra Civil e, mais fortemente, após a vitória franquista de 1939, um verdadeiro cabo de guerra de influências e projetos em que cada grupo percebia em Franco a possibilidade de tencioná-lo para que simpatizasse com seus objetivos políticos específicos. É justamente por isso que nomear, delinear, definir e constituir uma personalidade identitária para Franco se fazia estratégico para todos esses grupos, em especial aos militares e correligionários de guerra de Franco, como o próprio Millán-Astray. Não apenas para justificar e angariar apoio à guerra golpista, fratricida e injustificável, mas também para buscar conformar uma imagem de Franco na órbita de suas próprias demandas estratégicas. Afinal, uma vez que se delimitasse uma identidade específica para Franco, seja como cristão, fascista e/ou legionário, haveria a pressão para que tal líder fosse fiel e legítimo à sua própria biografia.

Portanto, forjar um Franco com determinadas cores de personalidade e de masculinidade significava uma estratégia política para que o grupo militar alcançasse seus objetivos políticos em primazia frente às vertentes apoiadoras, mas concorrentes, tais como católicos, carlistas e falangistas. É nesse cabo de guerra sob a personalidade do líder que encontramos os escritos de Millán-Astray, que se saíram bastante vitoriosos no discurso político fascista da época e assumiram uma espécie de caráter de visão oficialista do regime que se instituía.

O legionário José Millán-Astray e a construção de um Franco guerreiro

O general José Millán-Astray é um personagem absolutamente emblemático frente a praticamente toda história espanhola desde a virada do XIX até a ascensão do regime franquista nos anos 1930. Sua biografia, por mais que bastante conhecida por diversas passagens e curiosidades, foi estudada com maior detalhamento em 2003 a partir da publicação de *Millán-Astray, Legionário* de Luis Eugenio Togores Sánchez (2011), que, por mais que se tenha pretendido imparcial, acabou lhe descrevendo sob uma perspectiva militarmente heroicizante e em algumas vezes até mesmo celebrativa e laudatória. Evidentemente trata-se de uma pesquisa válida por sua documentação e ambientação factual, mas deve ser lida com ressalvas, uma vez que parte de uma perspectiva que opta por ocultar as faces mais obscuras desse militar tão fascinado com a morte. Sob uma ótica acadêmica mais estrita, destacamos os textos de R. Geoffrey Jensen (1992), José Luis Rodríguez Jiménez (2006) e o interessantíssimo livro de Susan Martin-Márquez sobre a masculinidade, virilidade e cultura militar desde a Guerra da África até a Guerra Civil intitulado *Disorientations Spanish Colonialism in Africa and the Performance of Identity* (Martin-Márquez, 2008). De maneira geral há certa unanimidade entre tais escritos na constatação de que Millán-Astray foi um personagem polêmico por suas declarações excêntricas ou mesmo por sua incontida truculência.

Sua rápida ascensão militar o destacou, ainda no final do século XIX, como um ousado militar, que ganhou suas primeiras condecorações lutando contra grupos autóctones nas Filipinas com apenas 17 anos. Logo após retornar à Espanha se formou na Escola Superior de Guerra e lecionou na Academia de

Infantaria de Toledo, uma das mais prestigiosas instituições militares na qual o próprio Franco, de origem galega como Millán-Astray, também fez sua formação. Com o aumento das tensões no Marrocos, de protetorado Espanhol, Millán-Astray percebe uma oportunidade para ascender em sua carreira castrense, e logo se alistou para atuar nas sangrentas guerras marroquinas contra as populações locais sublevadas contra o jugo hispânico. Por sua experiência de guerra decidiu visitar as exitosas Legiões Estrangeiras da França na Argélia para criar uma organização militar semelhante, composta por uma mescla de comandantes espanhóis com mercenários regionais. Com isso, a Espanha compõe seu *Tercio de Extranjeros* no ano de 1920, que logo passaria a ser conhecido como *La Legión Española*. Ainda na mesma década, Millán-Astray é promovido a coronel e recruta grande parte dos legionários que atuarão nas guerras do norte da África em nome da Espanha. É justamente por essa guerra colonialista espanhola que passarão diversos militares, como o próprio Francisco Franco e também intelectuais fascistas proeminentes como Ernesto Giménez Caballero.

Foi ainda na década de 1920 que Millán-Astray teve grande crescimento simbólico e de prestígio junto às tropas legionárias e à própria instituição castrense espanhola. Trata-se do período em que o tenente-general, e, também, ex-combatente nas campanhas marroquinas, Miguel Primo de Rivera, realizou seu golpe militar em 1923, conquistando a chancela do Rei Afonso XIII e se tornando ditador da Espanha. Sua ascensão foi influenciada pelas amargas derrotas militares na África, como o vexaminoso Desastre de Annual, ocorrido em 1921. Por mais que Primo de Rivera fosse um *abandonista*, ao desejar evadir a uma guerra colonialista africana, grande parte de sua ditadura se centrou na tentativa de reverter tais derrotas junto às forças meridionais para evitar a criação de mais conflitos e encontrar uma saída honrosa para a Coroa espanhola, tal como os ataques coordenados com os franceses no desembarque de Alhucemas em 1925, garantindo importantes vitórias na Guerra do Rife.

Foi justamente no decorrer da ditadura de Miguel Primo de Rivera que Millán-Astray ascendeu na hierarquia militar, sendo promovido a coronel em 1924 e a general em 1927, dada sua destacada atuação junto às guerras no Marrocos. De certa forma, a ditadura primorriverista serviu de modelo para Millán-Astray,

tanto naquilo que Millán-Astray considera acertado quanto naquilo que percebia como desastroso, e isso também influenciou bastante na futura experiência ditatorial da qual o general fez parte junto a Franco uma década depois (Preston, 2004).

Uma das características mais notáveis de Millán-Astray junto à sua atuação na *Legião Espanhola* foi a criação de uma espécie de seita militar protofascista com mórbido culto à morte, integrado a um ideário de destemor absoluto frente às batalhas de guerra. Tais valores foram ancorados na filosofia do *Bushido*[4], pelo qual Millán-Astray fez o prólogo da tradução espanhola e pelo qual passou a se inspirar na disciplina moral dos samurais japoneses para lançar os princípios de uma vida de abnegação e destemor a serem seguidos pelos legionários, por ele apelidados de "namorados da morte". Isso é expresso fisicamente por Millán-Astray que, em 1924, perdeu um braço graças a uma perfuração de bala recebida em meio às batalhas, e dois anos depois também recebeu outro projétil no crânio, que lhe tirou a visão de um dos olhos e muito de seu senso de equilíbrio. Mesmo com visão prejudicada, sofrendo de fortes tonturas e desmaios, sem um braço, manco e desprovido de postura física ereta, o próprio Millán-Astray solicitou ao Rei Afonso XIII para não se aposentar e seguir no comando da legião, tornando-se, junto a seus colegas, uma espécie de mito e mártir vivo do espírito de sacrifício e destemor. Segundo R. Geoffrey Jensen (1992), essa percepção de que o guerreiro, especialmente o legionário, assumiria o papel de mártir com auras divinas e que a defesa de uma Espanha nacionalista seria uma espécie de cruzada religiosa foram uma tônica muito reiterada pela propaganda franquista durante a Guerra Civil Espanhola.

Segundo José Luis Rodríguez Jiménez (2005), *la Legión* pode ser compreendida como uma primeira centelha do fascismo espanhol, uma vez que criou e difundiu místicas de sacrifício, abnegação e martírio junto às suas tropas, da mesma forma que compôs muitas das estratégias de combate que foram

[4] O Bushido (o caminho do guerreiro) foi um código de ética, disciplina e moralidade associado à casta militar dos samurais e difundido durante a Era Edo (1603–1868). Ele determinava como um guerreiro deveria viver, lutar e, fundamentalmente, como deveria morrer. Um de seus principais fundamentos era a ética do sacrifício: "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte. Sempre que houver duas opções, escolha aquela que leva à morte rápida e sem hesitação. É simples assim" (Tsunetomo, 2006, p. 17).

empregadas nas lutas fratricidas da Guerra Civil. Além disso, a atuação de Millán-Astray como responsável pela publicidade dos esforços de guerra dos sublevados legou muito da tônica da propaganda franquista durante os primeiros anos dos conflitos. Ainda em 1936, o coronel Millán-Astray foi encarregado de chefiar a *Delegación del Estado para Prensa y Propaganda* dos rebeldes (Sevillano Calero, 1998). Dentre suas principais ações, realizou a abertura da Rádio Nacional Espanhola em janeiro de 1937, e, também, coordenou o serviço de prensa junto a diversos intelectuais e jornalistas para centralizar os impressos em que os azules publicizavam seus princípios, ideologias e conclamavam os concidadãos ao combate contra as pretensamente nefastas forças comunistas antinacionais e anticristãs.

Sua atuação frente à propaganda franquista durou aproximadamente um ano, já que em agosto 1937 foi afastado do cargo, dado que suas tintas extremistas, místicas, mórbidas e brutalidade no trato interpessoal acabaram molestando tanto os intelectuais sob seu comando quanto maculando a imagem internacional de cristandade benevolente que os sublevados buscavam imprimir (Quiroga Fernández de Soto, 2022). Porém, é fato que o coronel Millán-Astray foi amplamente responsável pelas significações iniciais da figura política de Franco, a tal ponto de ser um dos primeiros a difundir o epíteto de *Caudillo* ao ditador. Mais que isso, sua atuação se deu justamente na confirmação da personalidade de um Franco legionário, guerreiro, estrategista militar e completamente conectado com os esforços nacionalistas e militaristas dessa pretensa santa cruzada purificadora, que ganharia traços de continuidade ao se iniciar no Marrocos e simplesmente se transferir ao interior da própria Espanha.

É justamente nesse contexto que Millán-Astray escreveu um compilado de notas biográficas, artigos, panfletos, discursos e ensaios intitulado *Franco El Caudillo* (Millán-Astray, 1939). Por mais que tal compilado tenha sido produzido e publicado em partes separatas durante os anos da Guerra Civil, foi editado e lançado como livro no ano de 1939 pelo editorial M. *Quero y Simón* na cidade de Salamanca, responsável por lançar uma série de panfletos doutrinários franquistas. Por suas características biográficas, sociológicas e ensaísticas, podemos considerar esse livro como um tratado de personalidade e liderança

sobre Franco, justamente porque nele podemos encontrar algumas das primeiras formulações das características atribuídas ao líder do, então vitorioso, grupo dos sublevados.

A estrutura argumentativa do livro de Millán-Astray é cheia de ardilosidades, por mais que sua posição seja aquela apontada por muitos de seus leitores, de lisonjeira hagiografia, tal como relata Henrique Moradiellos:

> la obra de Millán-Astray retrataba con tintes heroicos el periplo humano y militar de Franco hasta el comienzo de la guerra, pero tenía la virtud de proseguir su curso para llegar al momento de la victoria final en la contienda. En todo caso, manifestaba el mismo espíritu providencialista y hagiográfico y denotaba idéntica fobia contra el enemigo marxista-liberal-democrático y masónico (Moradiellos, 2015, p. 339).

Por mais que estejam corretas as afirmações do autor, consideramos que há uma série de jogos de poder e influências que podemos encontrar nos escritos de Millán-Astray, para além da pura bajulação hagiográfica ou ódio fascista. De princípio o título apresenta Franco como *El Caudillo*, trata-se de uma das primeiras obras que emprega tal epíteto no título. Isso é significativo por vários motivos; se consultarmos a vasta bibliografia sobre o caudilhismo em Franco (Moradiellos, 2016), constataremos que é nesse intercurso do início da guerra, especialmente a partir de 1937, que a alcunha passa a se tornar cada vez mais popular no jargão da propaganda franquista. Sua simbologia é bastante ampla e já foi muito bem estudada, mas é importante notarmos uma certa afinidade do termo *Caudillo* com a virilidade guerreira evocada por Millán-Astray das campanhas do Marrocos. Essa simbologia foi construída durante toda argumentação do livro.

Já nas primeiras linhas, Millán-Astray faz questão de mostrar aproximação pessoal e íntima com Franco: “me ha deparado la suerte de haber tenido el honor de estar, muchos años, en contacto y sincera intimidad espiritual, con FRANCO. [...] trabamos íntimo contacto, y esta mutua simpatía, que nació en el momento mismo de conocernos y estrecharnos la mano, se aumentó rapidísimamente.” (Millán-Astray, 1939, p. 9-10). É verdade que a historiografia concorda que ambos tinham muita proximidade, especialmente pela parceria que firmaram no período de Legião na África (Preston 2004), porém, especificamente nessa passagem já

encontramos um mecanismo performativo e reiterativo de não apenas se autodelegar a autoridade para expor os fatos sequentes, como também de se incluir pessoalmente nas glórias dessa narrativa. De certa forma, Millán-Astray cobra seu preço simbólico com relação ao regime e ao próprio Franco, atestando textualmente a íntima proximidade com o ditador. Constatada tal proximidade, Millán-Astray informa a que se propõe: "la esencia de este libro tiende a poner de manifiesto las condiciones geniales de Franco, y sus señaladas virtudes" (Millán-Astray, 1939, p. 10). O que aos olhos de um leitor contemporâneo pode parecer uma plêiade de adulação e elogios baratos, para um leitor do período pode significar uma formulação estratégica de poder e de autoridade, afinal, desde Thomas Carlyle (1841), Gustave Le Bon (1895) e até mesmo do próprio Sigmund Freud (2011), a capacidade de um líder assumir esse posto estava diretamente relacionada aos seus traços de personalidade. Portanto, para a década de 1930, o teor dos traços de personalidade de um homem define não apenas sua capacidade e autoridade para o comando, mas também as características que esse comando terá. Dessa forma, vale a pena nos aproximarmos melhor dessas pretensas "bajulações" para compreendermos um projeto político específico traçado por Millán-Astray.

A grande estratégia do general se deu justamente em traçar um perfil de virilidade para Franco, sob uma masculinidade guerreira, militaresca e altiva em contraposição ao diagnóstico deprimente de uma Espanha republicana acovardada e invertebrada (Aresti; Peters; Brühne, 2016). Dessa forma, a insurreição militar antidemocrática em nome de Franco passou a soar como uma transformação da indolência em vigor:

> Aquellos que, siempre guardando inextinguible culto al Honor y a la Patria, sus muchos años y con ellos las decepciones de la vida, mengua de fortaleza física, desilusionados, tal vez decaídos, sólo al conjuro del nombre de Franco y ante el saber que Franco se ponía a la cabeza del Movimiento, arrojaron con energía los lastres de la desilusión y del desánimo, y ante el nombre de Franco, plenos de entusiasmo, se le unieron. Y estalló el Glorioso Movimiento que lleva fecha 18 de julio de 1936, y se llama Primer Año Triunfal, en el que el primer grito para gloria y honor, lo dió la Legión, en Melilla, al que respondieron con ardiente clamor, viril y heroico, todas las tropas, las Milicias, el pueblo español (Millán-Astray, 1939, p. 19-20).

Note-se a funcionalidade evocada ao nome de Franco enquanto fator de virilização das tropas e demais grupos, diagnosticados como desanimados e decaídos. Portanto, urge a Millán-Astray, em meio aos esforços de uma guerra virtualmente incerta, a construção de uma personalidade máscula de liderança para inflar a moral das tropas sublevadas, conquistar a simpatia da população e legar legitimidade viril a um poder que se justifica enquanto capitaneado por um homem especial, possuidor de traços específicos e masculinos de personalidade. O principal deles, absolutamente alinhado com os valores de gênero do período é o reiterado controle das emoções:

> Los telegramas dando cuenta exacta de la situación, llegaban a Franco que los leía sonriente y los guardaba sin dar a conocer a nadie su emoción ni la gravedad de aquellas noticias, no porque no sintiese la emoción, sino porque la reprimía (Millán-Astray, 1939, p. 24).
>
> En el transcurso del día no se apercibe en Franco no ya un asomo de intranquilidad, sino ni la más mínima impaciencia [...] no muestra ningún síntoma externo de intensa alegría (Millán-Astray, 1939, p. 34).
>
> LA CORTESIA: Es dominar nuestros instintos, nuestras pasiones o nuestros caprichos, en aras de la comodidad y del bienestar ajenos (Millán-Astray, 1939, p. 249).

Ora, o simultâneo controle das emoções com a paixão pelo mando é justamente o traço de personalidade que a psicologia das massas – muito influente no período como a ciência construtora de líderes, que inspirou as mais diversificadas formulações intelectuais espanholas – considera distintivo para a definição um líder dominador de massas. Segundo Serge Moscovici (2013), essa estrutura intelectual se baseava em um argumento marcadamente de gênero que se apoiava na afirmação de que as massas são femininas, e o feminino, pelo menos desde o início do século XIX, está totalmente veiculado ao descontrole das emoções, à passionalidade e ao ímpeto destrutivo. Esse contraste fica evidente quando o próprio Millán-Astray descreve as mulheres do lado republicano do conflito: “En la zona roja, nos dicen, que muchas estáis enloquecidas, enfurecidas, desgarradas, y que algunas llegaron, en su paroxismo, hasta ser ellas mismas las que mataban, y que otras cogidas de las manos, formando corro, bailaban y cantaban alrededor de los cadáveres. (Millán-Astray, 1939).

A urgente contenção dessas mulheres/massas apaixonadas, furiosas e até mesmo assassinas cabe apenas a um homem racional, autocontrolado, frio e viril como o protótipo de Franco que o general construía no exato momento em que tocava sua pena no papel. Esse é o argumento básico que a psicologia das massas carregou desde 1895 com a Psicologia das Multidões (Le Bon, 1895), passando pelo próprio Freud (2011) e se tornando um debate extremamente difundido nas primeiras décadas do século XX, especialmente pelo meio militar (Botton, 2017). Outra possível influência desse argumento em Millán-Astray – que não era um homem de muitas leituras e conhecimentos aprofundados da psicologia social – provavelmente tenha sido apreendido com a propaganda da ditadura de Miguel Primo de Rivera nos anos de 1920, que não poupou argumentos e teorizações psicológicas para garantir seu status de mando por meio de tratados de personalidade e liderança Cortés Cavanillas, 1929). (Sem importar necessariamente a procedência desse argumento, a ardilosa reiteração de Millán-Astray acerca dos traços de uma personalidade racional, calculista e desapaixonada de Franco em oposição a um descontrole emocional e feminino das massas, transformou o insuficiente carisma de Franco em característica de personalidade masculina de racionalidade, ponderação e frieza, traços garantidores de liderança.

O esforço discursivo de Millán-Astray na reiteração da masculinidade de Franco não se limita a contrapor a racionalidade viril a um genérico descontrole social, ele opera por meio da sujeição patriarcal de duas representações femininas conceitualmente distintas: a República e as massas. A própria Segunda República Espanhola, historicamente alegorizada pela figura feminina em sua iconografia (a *Niña Bonita* como adaptação ibérica da *Marianne*), é ressignificada pelo léxico franquista como uma feminilidade abjeta, desviante e transgressora. Tratava-se de um corpo político e institucional psicologicamente percebido como doente, acovardado e invertebrado, cuja degeneração ameaçava a essência tradicional da nação ereta, viril, militarista, colonialista e subjugadora (Theweleit, 1987). O Caudilho emergiu, assim, não apenas como um vencedor de batalhas, mas como a autoridade castrense destinada a submeter e domar as instituições de um Estado que havia sido feminilizado pela complacência liberal.

Por meio desse discurso, muito inspirado por uma vaga interpretação da Psicologia das Massas, haveria uma segunda figura feminina a ser subjugada por Franco: as massas populares. Como ressalta o escrito de Millán-Astray, a passionalidade e o descontrole são atributos indissociáveis do feminino e do inimigo vermelho, evidenciados na descrição das mulheres republicanas, retratadas discursivamente como assassinas e imersas em completo paroxismo (Nash, 1999). A performatividade de gênero exigida da liderança de Franco — fundamentada no rigoroso controle das emoções, na impassibilidade racional diante das notícias da frente de batalha e no domínio absoluto sobre as paixões — atua como o antídoto político contra a histeria e a desordem atribuídas a essa multidão feminilizada. Portanto, o projeto de Millán-Astray constrói uma dupla contenção: a virilidade guerreira e inabalável de Franco legitima-se, simultaneamente, pelo expurgo da República (a mulher-instituição transgressora) e pelo enquadramento das massas (a mulher-multidão apaixonada), restaurando uma assimetria binária inquestionável que serviria de base moral e de gênero para a estruturação do novo Estado ditatorial.

Mas Millán-Astray, fundador da Legião, certamente não ficaria contente em apontar Franco apenas como um líder racional, tal como Miguel Primo de Rivera havia sustentado e acabara findado de maneira infame. O antídoto para isso, na leitura e na escrita do general é justamente a ênfase em uma personalidade guerreira, altiva e viril para um Franco que não perdera suas raízes de combatente legionário. Para isso, praticamente toda a biografia escrita por Millán-Astray reafirma o caráter militaresco e os traços de Franco nas frentes de batalha:

> Desde el día que tuve la suerte de conocer a Franco, apercibí, como todos, muy clara y destacadamente, sus extraordinarias condiciones y aptitudes. Al poco tiempo, llegó la hora de crear la Legión, que en mi espíritu germinaba, ya hacía algún tiempo. La pensé tal como ha sido, y dándome justa cuenta de la magnitud de mi empresa, juzgué, con acierto que necesitaría ayuda de hombres extraordinarios, y principalmente, uno que fuese mi lugarteniente, complementando lo mucho que a mí me faltaba para el total desarrollo de mi magna empresa. No pensé en ningún otro que en Franco. [...] y tras el brevísimo mando del heroico Valenzuela, fué Franco ascendido con urgencia a Teniente Coronel, precisamente para que tomase el mando de la Legión, por la gloriosa muerte de Valenzuela, entrando nuestro Caudillo a mandar la Legión, hasta que por haber ascendido a Coronel y luego a General o sean tres empleos por méritos de guerra en la Legión, me volvió Franco a

> reintegrar en el mando de ella, «cuando yo ya era Coronel. Su ascenso de Comandante a Teniente Coronel fué a mí a quien me cupo el honor de proponerlo. En la propuesta reglamentaria para este ascenso, tuve el, hoy ya comprobado, acierto, de unir a la enumeración de sus méritos, de destacada bravura e inteligencia, la exposición de sus extraordinarias aptitudes personales, expresando que por su gran habilidad táctica, singular ojeada militar y virtudes morales (Millán-Astray, 1939, p. 12-13).

Podemos ressaltar diversas passagens desse trecho, mas em primeiro lugar é importante delimitar de que forma Millán-Astray justifica a ascensão na esfera militar, e consequentemente política, de Franco por sua atuação junto à Legião, da qual se jacta enquanto criador, e como são as virtudes militares, pessoais, táticas singulares e morais que lhe permitiram ascender ao posto militar e ao mando da nação. Millán-Astray recorda à população e ao próprio Franco seu débito para com a instituição militar, em especial à Legião e à sua própria pessoa, uma vez que: "El General Franco tiene ganado todos sus ascensos por méritos de guerra" (Millán-Astray, 1939, p. 41). Ou seja, nas entrelinhas, Millán-Astray afirma que Franco apenas é Franco hoje porque ontem foi guerreiro, e continua sendo, e se algum dia deixar de sê-lo, deixará de ser Franco. Dessa forma, passa a atribuir-lhe uma tônica militaresca e de personalidade absolutamente comprobatória desse argumento principal:

> Se singulariza brillantemente y desde el primer momento la personalidad militar y genial de Franco, tanto al mando de su Bandera, como luego en el mando de toda la Legión. (Millán-Astray, 1939, p. 13).

> Franco es el consejero de Primo de Rivera y de Sanjurjo, en la trascendental operación de la toma de Alhucemas, que cambió por completo el rumbo de la guerra en favor de España. El Comandante Franco en la organización y debut de su Bandera en la vida y actuación de ella la caracteriza con los típicos caracteres suyos: Una bravura y acometividad legionaria pura, una capacidad de trabajo ininterrumpido de la mañana a la noche, una energía acerada, persistente, sin fluctuaciones ni decaimiento jamás ni en ningún momento, una ojeada militar, o el "quid divinum" de los grandes Capitanes, que consiste, en su esencia, en planear exactamente la batalla, darla en el momento oportuno, y vencer. Las reglas de esta ciencia, no están escritas ni pueden escribirse; es a los genios militares como Alejandro, Anibal, César, Napoleón a quienes corresponde llevarlas a cabo, Franco, con su Bandera, con la Legión después y luego con las columnas a su mando, jamás tuvo el más leve fracaso, y venció siempre (Millán-Astray, 1939, p. 15).

Em primeira leitura, pode parecer um texto puramente panegírico e hagiográfico. Tal impressão é verdadeira, porém, há mecanismos discursivos bastante engenhosos por trás dessa argumentação, já que firmar a personalidade de Franco como gênio militar não apenas funciona como elogio e mostra social de merecimento, mas também cria todo um perfil de personalidade baseado em características castrenses às quais Franco deveria se manter fiel, por isso se articula a personalidade militar do biografado. Caso abandone sua efígie militar, Franco estaria abandonando sua própria genialidade enquanto condição de liderança. É interessante que Millán-Astray comenta sobre o fato de Franco ter sido conselheiro de Primo de Rivera no ataque a Alhucemas. Por mais que o germe dessa vitória tenha se dado pela parceria que a Espanha faz com a França para esmagar as resistências locais, pouco se fala dessa questão, na verdade, a historiografia da época preferiu legar ao Marques de Estella os méritos militares por esse ataque, indo em sintonia com a pujante maquinaria de propaganda que o ditador havia construído para si (Quiroga Fernández de Soto, 2022).

Quando Millán-Astray diz que foi Franco o conselheiro de Primo de Rivera, sua perspectiva é se apropriar do prestígio do primeiro ditador em favor do segundo, reiterando sua apropriação simbólica. Esse procedimento nos parece uma constante durante toda a biografia escrita pelo general: direta ou indiretamente Millán-Astray se vale de grande parte dos argumentos da propaganda primorriverista para construir a imagem de seu Franco guerreiro, inclusive o famosíssimo epíteto de *Caudillo*, já utilizado pelo primeiro ditador (Casals Meseguer, 2004). O único elemento que, para Millán-Astray e os demais fascistas da época, faltava ao Marques de Estella, era justamente a virilidade militaresca que geraria a violência de estilo fascista, que transformaria opositores políticos em inimigos nacionais, justificando a possibilidade de serem liquidados, sejam seus argumentos ou sejam suas vidas.

Tais traços são reforçados por Millán-Astray na biografia de Franco, para diferenciá-lo positivamente com relação ao primeiro ditador. Justamente por isso ele reitera a bravura legionária e o elemento divino que pertenceria apenas aos grandes homens, capazes de julgar o merecimento pela vida e pela morte, num atributo que apenas seria extensível aos comandantes militares mais imperialistas

da História eurasiática, tais como Alexandre, César e Napoleão. À diferença dos três últimos que, mesmo dominando meio mundo, acabaram sendo derrotados em campo de batalha ou traídos por seus pares, Franco seria aquele que nunca havia amargado uma derrota e nem deslealdade. Esse argumento serve muito bem para tranquilizar o leitor com relação aos destinos da sangrenta Guerra Civil em curso, garantindo a Franco uma vitória ainda incerta, dados seus dotes natos e inatos de personalidade e liderança.

A construção dessa virilidade bélica, tal como proposta por Millán-Astray, dialogava intimamente com outros modelos de masculinidade em circulação, em especial com o resgate do arquétipo histórico da *furia española* (Kamen, 2023). Remetendo originalmente à ferocidade e à violência indomável dos *tercios* espanhóis durante o século XVI, esse mito funcionava como um dispositivo discursivo de uma masculinidade imperial, combativa e implacável. Ao descrever a bravura legionária de Franco, Millán-Astray aciona deliberadamente essa memória arquetípica para forjar a aura heroica do líder sublevado.

No entanto, a articulação dessa *furia* no projeto franquista exigia uma complexa lapidação disciplinar. Enquanto a *furia española* clássica evocava uma violência visceral e frequentemente descontrolada, a performatividade de gênero idealizada em Franco operava justamente pela racionalização desse ímpeto. Franco encarnava o comandante capaz de reprimir suas próprias emoções e paixões diante da guerra para, assim, canalizar a violência destrutiva de forma calculada — o que se evidenciava na tática inflexível de perseguição e aniquilamento absoluto do inimigo nas bolsas de cerco, rechaçando a rendição pacificadora como uma vitória insatisfatória (Bunk, 2007).

É fundamental destacar, ainda, que a permeabilidade desse arquétipo viril já transbordava os limites da caserna e encontrava ampla ressonância na cultura de massas muito antes do golpe militar. Durante a década de 1920, o ideário da *furia* encontrou forte guarida no nascente futebol espanhol, que passou a forjar uma identidade nacional em torno de um estilo de jogo essencialmente agressivo, físico e viril (Quiroga, 2015). Essa circulação prévia do mito na esfera esportiva e popular pavimentou o imaginário da sociedade daquela época. Dessa forma, quando Millán-Astray exalta a genialidade militar de Franco e demanda das

massas civis uma lealdade e obediência absolutas aos mandatos do Caudilho, o biógrafo apropria-se de um repertório cultural de exaltação da força masculina já naturalizado.

Para amplificar tal elemento de virilidade militar franquista e furiosa a paroxismos hiperbólicos, Millán-Astray exemplifica diversas passagens biográficas que demonstram um legionário destemido e amante da morte, a espelho do próprio biógrafo.

> al escuchar por vez primera el fuego enemigo, y sentir el silbido de las balas, fué tal su alegría, que, tirando las palas y los picos y los sacos terreros, se pusieron-a bailar, lanzando los gorros por el aire gritando: ¡Viva la Legión! ¡Viva la Legión! [...] Franco tomó parte, en los puestos que tuvo con sus tropas, y en el puesto que él elegía para mandarlas, era forzoso irremisiblemente que las balas le tocasen, y así como cuando era Capitán de Regulares, en El Biut, en Ceuta, una le atravesó su cuerpo poniéndole a las puertas de la muerte, en las demás veces las balas de los moros, si nos es permitida esta figura retórica, comprendiendo que había de ser el padre más amante de los musulmanes marroquíes, le rindieron homenaje, limitándose a tocar sus vestiduras, al igual que andando el tiempo habrían de besar en ellas sus hijos predilectos, los musulmanes (Millán-Astray, 1939, p. 16-17).

Millán-Astray perfila Franco como um militar obcecado pelas balas inimigas, que pula de alegria frente ao confronto mortal. As *homenagens* que os projéteis inimigos lhe rendiam também são uma artimanha discursiva que serve para várias significações. Em primeiro lugar, para demonstrar o destemor viril do líder frente a qualquer ocasião, inclusive à própria morte, elemento que, para o general, significava o mais alto espírito de sacrifício, coragem e nobreza em campo de batalha. Essa caracterização é absolutamente compatível com o pensamento do próprio biógrafo, que passa a mesclar sua própria personalidade com a do biografado, afirmando coesão e reverberação entre ambos.

Ao mesmo tempo, o argumento de um peito aberto frente ao inimigo também serve para gerar uma aura de predestinação ao comando, afinal, o fato de não ser atingido em cheio, como o próprio biógrafo havia sido por repetidas vezes, significava que havia uma defesa mística do destino para com Franco, que por tais acontecimentos providenciais estaria ungido e predestinado para assumir os mais altos postos nacionais. Esse argumento da manifestação do destino foi

um dos mais empregados pela propaganda franquista, uma vez que se comunicavam com um país eminentemente católico, e na defesa desse catolicismo, que na própria narrativa bíblica na estrutura de sua liturgia, fomenta epopeias hagiográficas de martírio e predestinação.

A arquitetura da masculinidade franquista delineada por Millán-Astray encontrava-se profundamente amalgamada aos preceitos da moralidade católica, sobretudo em suas vertentes mais ortodoxas e conservadoras. Na condição de fiel da balança encarregado de equilibrar os interesses heterogêneos de falangistas, reacionários carlistas e elites eclesiásticas católicas, Franco precisava encarnar uma virilidade que fosse militarmente implacável, mas simultaneamente justificada por uma estrita e reta consciência cristã. Nesse sentido, a mística legionária de abnegação, destemor e contínuo flerte com a morte, forjada por Millán-Astray, atuava como uma ponte discursiva estrutural entre a caserna e o altar. O controle das emoções, a frieza impassível e o sacrifício exigidos do líder ultrapassam a mera tática de guerra para se converterem na expressão de uma ascese militante (Bunk, 2007). Trata-se de uma mortificação moral e carnal que prepararia o terreno institucional para a posterior hegemonia de setores ultraconservadores do catolicismo espanhol, a exemplo do Opus Dei, que abraçaram o regime ao identificar no caudilhismo uma sintonia com seus próprios dogmas de hierarquia e disciplina.

Ao dotar a liderança de Franco de uma aura providencial, justificada por meio de uma narrativa estruturada como verdadeira epopeia hagiográfica, Millán-Astray converteu o embate belicoso em uma cruzada religiosa purificadora. Consequentemente, a estruturação verticalizada das forças armadas, baseada na lealdade irrestrita e na obediência cega ao chefe, foi transmutada em mandamento espiritual e em modelo civilizador para o restante da nação (Casanova, 2001). A virilidade do Caudilho costurava, assim, uma aliança indissolúvel entre a farda e a batina: a mesma combatividade masculina mobilizada para o aniquilamento das alteridades percebidas como anticristãs e antinacionais – fossem muçulmanos no Marrocos ou republicanos, comunistas e anarquistas na própria Espanha – sustentava um projeto de regeneração e purificação pátria.

Tal visão de alteridade coloca os inimigos como seres divertidamente matáveis, ou seja, a metáfora paterna das balas que iam beijar a seus preferidos, descortina uma visão de mundo em que toda alteridade era digna da morte, e isso seria até mesmo algo objeto de risos e chacotas. Nesse argumento tipicamente fascista de extermínio do outro, bastaria substituir os mouros pelos republicanos que o resultado da sentença seria o mesmo.

> Siempre movió sus tropas persiguiendo el dejar a los rojos dentro de una bolsa. Y esas son las ya célebres, y luego serán clásicas, bolsas, de Franco. Para Franco, la victoria que se obtiene con la ocupación de las posiciones fortificadas y del terreno del enemigo, nunca le ha satisfecho. Para Franco, no ha sido victoria satisfactoria la que no ha sido seguida de una persecución sin respiro del enemigo (Millán-Astray, 1939, p. 32).

Em outros termos, não bastaria apenas vencer a batalha, deveria haver perseguição incansável e aniquilamento daqueles considerados inimigos. Após flanqueá-los e isolar seus postos, a fuga ou rendição não seriam posições aceitáveis ao inimigo, seria necessário seu extermínio por completo. Embora esse seja um dos detalhamentos de personalidade bastante precisos com relação a Franco, que realmente manteve rituais de fuzilamento constantes durante todo seu governo (Preston, 2007), ainda impressiona a violência com que esses termos eram empregados como traços de personalidade dignos de admiração, qualitativos de mando e liderança.

É o argumento de uma personalidade militar que estipula uma hierarquia verticalizada entre o mando e a obediência baseada em vínculos sociais e afetivos de lealdade. Essa palavra é chave para compreendermos regimes fascistas, totalitários, autoritários e mesmo híbridos (Botton, 2017). Oriunda do jargão militar de mando e obediência, Millán-Astray reitera fortemente o conceito na biografia de Franco:

> Franco es también esencia de lealtad y de afecto al Jefe y a los compañeros [...] modelo de lealtad, de obediencia y de disciplina. Y él, que en sí contenía las esencias de un Caudillo, de un gran estratega y de un gran táctico, cuando estaba con mando subordinado, pedía respetuosa y sinceramente, instrucciones a su Jefe, para darles el más exacto cumplimiento (Millán-Astray, 1939, p. 16).

> El Estado Mayor español es la LEALTAD, por ser esta virtud su característica más pura y jamás mancillada, LEALTAD al General, a través de todas las vicisitudes. El Estado Mayor jamás faltó a la confianza que en él depositaron los Mandos, y ya en un orden más íntimo y personal, la LEALTAD la llevaron hasta el extremo de aceptar como propias las culpas y hasta los delitos del jefe a quien servían (Millán-Astray, 1939, p. 124).

Percebemos que o argumento da lealdade não é apenas um vínculo moral, sua atribuição é praticamente de uma cosmovisão organizadora de mundos, isso é, a lealdade serve como toda uma forma de disciplina baseada na hierarquia linear entre chefia e subordinados, trata-se da essência própria de uma liderança fascista. A lealdade dispensa questionamentos para com o superior, e sempre haverá alguém a quem obedecer ao mesmo passo que também haverá outros a ordenar, em escala inferior. Essa forma de organização social é muito comum nas forças armadas, e sua justificativa repousa no argumento de que pretensamente seria necessária coordenação fina com relação a uma logística que depende da mais precisa disciplina, tal como uma guerra. Porém, no segundo trecho, já compreendemos que o argumento do general saiu do meio castrense para inserir-se na esfera social do Estado Maior, e essa lealdade é praticamente cega, a tal ponto de aceitar como suas as culpas de seu superior, mesmo sendo isso injusto. Ou seja, a lealdade nessa cosmovisão estaria à frente da própria justiça ou conformidade ética e moral.

É justamente da transposição desse elemento organizativo castrense para a esfera social que passamos a compreender os escritos de Milán-Astray não apenas como biográficos, mas como tratados de liderança, uma vez que se compromete profundamente com o estabelecimento de uma disciplina militar na constituição de estruturas e cadeias de lideranças sociais enquanto nova ossatura moral para toda a sociedade espanhola, enrijecendo com disciplina, mando e obediência a antiga e indesejada Espanha considerada desde o início do século XX como “invertebrada” (Aresti; Karin; Brühne, 2016) por intelectuais de diversos espectros políticos. Obviamente é tratado político na proposta de consolidar intelectualmente um poder que se expande a cada rincão da nova sociedade que se constrói em meio a uma Guerra Civil e fratricida. E a funcionalidade de Franco nessa construção discursiva se dá como aquele que manda, e manda porque já obedeceu e sabe o que é a obediência (Millán-Astray, 1939), portanto, todos os

cidadãos devem lealdade ao líder uma vez que tal líder já foi e segue sendo leal, e por isso mesmo, merece obediência cega, para além da própria justiça. É por meio dessa relação de lealdade que Franco é retratado, em primeiro lugar, no mando militar, para imediatamente ser transposto ao mando da nação, como se esfera civil e castrense fossem espelhos de um mesmo processo de autoritarismo e disciplina:

> Durante el tiempo del mando de la Legión por Franco, continuó ésta su camino ininterrumpido de bravura y de heroísmo, poniéndose rápidamente a la cabeza de todas las tropas de Marruecos, y gozando desde el primer día la plena confianza del Mando (Millán-Astray, 1939, p. 13).
>
> Para él, para nuestro Caudillo Franco, toda nuestra adhesión, toda nuestra lealtad; ante él sentimos una confianza sin límites y le ofrecemos obediencia absoluta a sus mandatos, es el héroe, es el hombre que necesitaba España, no ha sido improvisado por la fuerza de las circunstancias. La historia de su vida, el conocimiento de su conducta en todos los aspectos en la guerra y en la paz; la amplitud de su inteligencia, la rectitud y estrechez de su conciencia cristiana; el acierto y la fortuna que han presidido todos sus actos y decisiones, justifican y exigen nuestra fe y lealtad inquebrantables para él (Millán-Astray, 1939, p. 251).

Essa virilidade de origem militaresca que colocou Franco na cabeça de suas tropas marroquinas e instituiu confiança de mando e liderança foi transposta à população civil no decorrer da Guerra Civil e posteriormente a ela. A Franco se destinaria adesão, lealdade e obediência absoluta e sem limites. Tais atributos se justificam por sua biografia, pelo seu saber estratégico frente à guerra, pela inteligência, retidão, consciência cristã, conjunto de acertos e até mesmo a própria fortuna. Aqui encontramos, de certa maneira, um resumo do argumento geral do tratado de Millán-Astray, que se propõe ao estabelecimento de um vínculo público de obediência e mando à chefia de Franco, dadas as características de personalidade evidenciadas pelo biógrafo. Trata-se não apenas de delimitar o perfil pessoal individual de um homem, mas sim de um projeto de sociedade, de nação e de concentração de poder que orbita no entorno de uma liderança militarmente centrípeta.

Essa face mais autoritária da virilidade guerreira de Franco, desenhada por Millán-Astray, nos remete ao elemento principal da caracterização de uma personalidade masculina de liderança no período, a saber, uma compatibilidade

absoluta com o fascismo enquanto regime e enquanto ideologia política. Zira Box, em seu estudo sobre a nação viril, nos lembra de que "nada podía resultar más predecible que el hecho de que una ideología altamente militarizada como la fascista [...] tuviese un componente central de fuerza, máxime si se tiene en cuenta que la experiencia bélica se había interpretado por parte del fascismo como una oportunidad para la regeneración nacional" (Box, 2025, p. 53). Isso também é consoante com os estudos de Mary Vincent sobre a reafirmação da masculinidade na cruzada franquista (Vincent, 2006). A partir de ambas as pesquisas podemos encontrar nexos entre o gênero, a virilidade militaresca, o próprio fascismo e os demais regimes totalitários do período, uma vez que essa mecânica era própria das naturezas desses regimes. A ideia principal era envolver o uso da força militar como estratégia de convencimento, agregação e radicalização de apoio público, especialmente dos grupos já convencidos e adscritos a tais princípios. O elemento de virilidade-militarismo-fascismo foi uma ponte que Millán-Astray elaborou conscientemente na construção de sua própria noção de *Caudillo*:

> España es hoy el sitio elegido, con la más pérfida saña, por el judío-comunista soviético. Y España, cual Italia, cual Alemania, por ser un pueblo con hombres con todas las condiciones de los hombres, con cuerpo duro y alma pura, busca entre ellos mismos su "Führer" y su "Duce", y encuentra aquel joven gallego, que nació al pie de las montañas, desafiando a las furiosas olas del Atlántico. Y al contemplar su historia. Al ver su fortaleza. Al mirar a sus ojos claros y límpidos, le dice en clamor unánime: ¡Tú eres el Caudillo! ¡Nosotros, detrás, y tú nos alineas! ¡Llévanos a la batalla, conducidos por tu genio guerrero, por tu energía, por tu acierto, por tu fortuna ¡Echemos de nuestro suelo al enemigo! ¡Formemos también nuestro Ejército español! Y tú, puesto al frente, levantarás tu espada victoriosa, mirando a Oriente, y saludarás al "Duce", al "Führer", ¡ya que tú eres el Caudillo! Ya los tres, con sus huestes en filas aguerridas y apretadas, sin temor a nadie ni a nada, ordenan que suenen sus clarines contra el comunismo destructor del Mundo, y dice: "¡Aquí estamos, España, Italia y Alemania!" (Millán-Astray, 1939, p. 57-58).

Há todo um itinerário político e argumentativo para que Millán-Astray possa alcançar essas conexões: em primeiro lugar, a reiteração da masculinidade militaresca, e, em especial, da personalidade biograficamente construída de Franco. Em segundo, foi importante remarcar o impacto divino e predestinado dessa liderança; por fim, ascende-se a uma noção de liderança qualificada das

massas que por esses elementos políticos, de gênero e nacionalidade, permitem que a imagem de Franco receba o status de liderança, na mesma dimensão de seus "equivalentes" fascistas italiano e alemão. É na raiz desse argumento que Millán-Astray conecta o caudilho ao fascismo, que passa a se apresentar na pessoa generalíssima de Franco, mais até mesmo que a Falange, sempre comandada pelo líder, e nunca o contrário.

A própria adoção desse termo *Caudillo* por Millán-Astray transcende a mera herança militarista das campanhas do Marrocos ou o decalque do jargão adotado primeiramente por Miguel Primo de Rivera, operando como um dispositivo discursivo central para mediar uma tensão inerente à construção do regime franquista: o embate entre a autoridade tradicional e a modernidade fascista. No contexto da genealogia política ibérica, a raiz do termo caudilhismo evocava uma liderança pretérita, oitocentista, ancorada na figura do homem forte, de caráter patronal e invariavelmente vista como guardiã de uma essência purista, pré-liberal e profundamente católica. Ao investir Franco com essa titulação, Millán-Astray o deslocava definitivamente da posição de um mero líder militar regional para erigi-lo a guia de uma "cruzada religiosa" nacional.

Nesse sentido, a configuração simbólica do Caudilho distanciava-se estrategicamente de conceitos como *Führer* e *Duce*. Enquanto os modelos alemão e italiano assentavam-se em projetos de modernidade totalitária que visavam a ruptura institucional, uma estética de vanguarda e a completa subordinação do Estado ao Partido e às massas mobilizadas, o caudilhismo espanhol operava por meio de uma lógica reversa. O termo respondia à necessidade urgente de aglutinar forças sublevadas extremamente heterodoxas — de falangistas radicais a reacionários carlistas e elites católicas. Por um lado, Franco oferecia aos grupos tradicionalistas a imagem familiar de um regente pacificador, ancorado no passado e protetor da tradição ibérica. Por outro lado, o seu culto à personalidade enquanto líder inabalável, legitimado pela bravura legionária e pelo aniquilamento viril do inimigo republicano, preenchia

rigorosamente os requisitos da modernidade fascista exigida pela Falange e admirada pelos aliados do Eixo[5] (Saz Campos, 2004).

A escolha de Millán-Astray por encarnar Franco sob a égide do Caudilho, portanto, buscava resolver a tensão entre a tradição e a modernidade ditatorial através de uma hibridez tática. A performance da autoridade tradicional funcionava como o arcabouço apaziguador e aceitável para a implementação de um sistema político fundamentalmente moderno, centralista e pautado na obediência civil inquestionável. Ao equiparar retoricamente o Caudilho ao Führer e ao Duce em suas conclamações contra o comunismo, o biógrafo deixava claro que o caudilhismo forjado não se tratava de um arcaísmo passivo. Era, em vez disso, a tradução ibérica e estruturalmente hipermasculinizada do fascismo europeu, capaz de forjar um projeto de poder contemporâneo e letal valendo-se, paradoxalmente, do prestígio mítico da tradição.

No argumento de Millán-Astray há uma coerência a ser incutida na personalidade de Franco, e essa coerência é um projeto de poder que se ampara em um mando centralizado, hierárquico, militar e viril simultaneamente arcaico e moderno. De certa forma, virilizando a própria nação (Box, 2025) e garantindo que o comunismo seja massacrado por um Estado fascista.

> Y España, cual Italia, cual Alemania, por ser un pueblo con hombres con todas las condiciones de los hombres, con cuerpo duro y alma pura, busca entre ellos mismos su “Führer” y su “Duce”, y encuentra

[5] Existe um longevo e frutífero debate historiográfico acerca da tipificação do regime de Franco. Leituras clássicas argumentaram que a onipresença institucional da Igreja Católica e uma aparente desmobilização das massas no pós-guerra afastariam o franquismo do modelo fascista idealizado (como o italiano ou o alemão), enquadrando-o conceitualmente como um regime autoritário conservador ou semitotalitário (Payne, 1999). No entanto, em alinhamento com a renovação historiográfica contemporânea, reafirmamos neste texto a natureza inequivocamente fascista do regime de Franco. Amparamos essa posição nos argumentos de Julián Sanz Hoya (2022; 2013), que demonstra como o franquismo empreendeu um profundo e capilar processo de *fascistização* da sociedade, o qual permaneceria como um pilar estruturante, ainda que com profundas readequações posteriores, até a morte de Franco. Para Sanz Hoya, a simbiose do franquismo com a religião católica não anula o caráter fascista da ditadura, muito pelo contrário, o “nacional-catolicismo” é justamente o que consubstancia a via especificamente espanhola do fascismo. Por mais que fossem muitas vezes antagônicos nos primeiros anos do regime franquista, a Igreja e a Falange (FET y de las JONS) não eram absolutamente excludentes em seus objetivos de sociedade. Por um lado, os falangistas impregnaram a cultura política e as instâncias de poder local, garantindo as bases do “Novo Estado” espanhol. Por outro lado, o catolicismo, em sua vertente mais intransigente, não atuou como um freio ao fascismo, mas como um coadjuvante essencial, fornecendo-lhe a matriz moral, o dogmatismo e a estrutura disciplinar e repressiva que viabilizaram a imposição de uma cultura política de matiz totalitária e absolutamente fascista (Casanova, 2001).

> aquel joven gallego, que nació al pie de las montañas, desafiando a las furiosas olas del Atlántico. Y al contemplar su historia. Al ver su fortaleza. Al mirar a sus ojos claros y límpidos, le dice en clamor unánime: "Tú eres el Caudillo. ¡Nosotros, detrás, y tú nos alineas! ¡Llévanos a la batalla, conducidos por tu genio guerrero, por tu energía, por tu acierto, por tu fortuna ¡Echemos de nuestro suelo al enemigo! ¡Formemos también nuestro Ejército español! ¡Y tú, puesto al frente, levantarás tu espada victoriosa, mirando a Oriente, y saludarás al "Duce", al "Führer", ya que tú eres el Caudillo!" Ya los tres, con sus huestes en filas aguerridas y apretadas, sin temor a nadie ni a nada, ordenan que suenen sus clarines contra el comunismo destructor del Mundo, y dice: "¡Aquí estamos, España, Italia y Alemania!" (Millán-Astray, 1939, p. 57-58).

É justamente a condição de possuir homens duros e viris da Itália e da Alemanha, bem como da própria Espanha, que permite a união espiritual entre os três líderes fascistas e suas respectivas nações em pé de igualdade. De maneira arguta, Millán-Astray muda o pronome pessoal do narrador da sentença para assumir uma segunda pessoa do singular a quem fala diretamente e imperativamente com o próprio Franco, de forma a clamar por sua liderança, por seu alinhamento com os fascistas, e pelo esmagamento do inimigo comunista. É claro que a exaltação dessa aliança foi estratégica para a vitória da Guerra Civil, uma vez que os aviões bombardeiros e as tropas nazifascistas que cerraram filas com os *azules* espanhóis foram fundamentais para o desfecho dos acontecimentos militares. Mas, ao mesmo tempo, esse argumento fascista de equiparação entre Franco, Hitler e Mussolini também era um projeto político levado adiante por Millán-Astray, que cobrava de Franco coerência junto a essa irmandade entre militares fascistas no domínio das nações sob o subterfúgio da defesa dos valores tradicionais e sagrados frente à ameaça do comunismo.

Não por acaso, o general foi entusiasta da entrada da Espanha na Segunda Guerra, o que não ocorreu de forma oficial – muito embora Franco demonstrasse voluntarismo junto ao Eixo, tal como ocorrera com o envio da *División Azul*, para batalhar junto às tropas alemãs nas frentes soviéticas. Mas podemos dizer que esse projeto político de Millán-Astray é bastante fragmentado e incompleto já que o general – que pretensamente preferia a morte à intelectualidade – não possuía a erudição para sustentar um sistema de pensamento estruturado para além de seus bordões mais generalizantes e algumas das peças de propaganda que comentamos anteriormente. Por outro lado, suas construções acerca do

caudilhismo, da liderança de Franco e a sustentação de sua virilidade foram bastante perenes nas décadas posteriores, embora decadentes de acordo com o lento e incompleto processo de desfascistização do regime franquista no decorrer de praticamente as quatro décadas sequentes (Sanz Hoya, 2013).

Considerações finais

Trilhar os caminhos argumentativos de Millán-Astray na construção da liderança e masculinidade de Franco não é apenas compreender argumentos isolados de um único personagem em uma trama política e bélica mais complexa, trata-se, antes disso, de compreender um discurso que entendemos como parcialmente vencedor, que fixou algumas das bases iniciais de um franquismo que ainda não sabia exatamente quais seriam seus argumentos de sustentação. Com esses escritos, Millán-Astray reforçou em Franco a personalidade militar acima de tudo, inclusive acima do monarquismo, do catolicismo e do próprio fascismo falangista que concorriam com ele pela preponderância frente ao líder. É verdade que Franco se apropriou e se utilizou com maior ou menor intensidade dessa máscara castrense em sua efígie pública de liderança de acordo com as contingências históricas e contextuais, e certamente deixou-a oculta, porém não excluída no pós-segunda guerra, quando, a contragosto, assumiu um processo de desfascistização, que permaneceria inacabado pelo menos até sua morte, em 1975 (Sanz Hoya, 2013).

Acerca da questão de gênero, ressaltamos que não se trata de detalhe fugaz ou ornamental nos discursos daquele general. O gênero, no contexto aqui abordado, era uma forma primeira de estruturar relações de poder (Scott, 1995), servia não apenas como um status de validação legítima, inquestionável e autoevidente pela aceitação praticamente universal das diferenças entre homens e mulheres na sociedade espanhola, mas também funcionava como uma metáfora muito mais potente e sugestiva quando era articulada às estruturas macropolíticas de poder. A evocação de um líder como Franco enquanto um militar exemplar, de virilidade afluente e de inequívoca lealdade para com seus camaradas, fazia dele o fio condutor que levaria – e de certa forma, levou – o franquismo aos outros movimentos fascistas europeus, demarcadamente

virilistas, como o alemão e o italiano. Portanto, compreender a discursividade de Millán-Astray significa desenterrar praticamente uma peça de formulação de um regime fascista único na Europa, da criação de valores sociais e regras de conduta para todos os outros homens sublevados, seja na obediência, seja na virilidade. Por fim, analisar com precisão as formulações de Millán-Astray também significa conhecer um projeto de governo pelo qual Franco se sobressairia de forma unívoca e inconteste, com sua personalidade individual, cívica e viril se sobrepondo a todos os demais poderes e definindo os rumos e destinos daquela nação, o que ocorreu pelos 36 anos subsequentes.

Referências

ALCALDE, Ángel. El descanso del guerrero: la transformación de la masculinidad excombatiente franquista (1939 1965). **Historia y Política**, Madrid, n. 37, p. 177–208, 2018.

ANDREU MIRALLES, Xavier. **El Imperio en casa**. Género, Raza y Nación en la España contemporánea. Madrid: Sílex Ediciones, 2022.

ARESTI, Nerea. **Masculinidades en tela de juicio**: hombres y género en el primer tercio del siglo XX. Madrid: Cátedra, 2010.

ARESTI, Nerea; PETERS, Karin; BRÜHNE, Julia (ed.). **¿La España invertebrada?**: masculinidad y nación a comienzos del siglo XX. Granada: Comares Editorial, 2016.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **Liderança política e autoridade paterna**: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2017.

BOX, Zira. **España, año cero:** la construcción simbólica del franquismo. Madrid: Alianza, 2010.

BOX, Zira. Cuerpo y nación: sobre la España vertical y la imagen del hombre. **Ayer**, Madrid, n. 106, p. 157 184, 2017.

BOX, Zira. **La nación viril**: género, fascismo y regeneración nacional en la victoria franquista. Madrid: Alianza Editorial, 2025.

BUNK, Brian D. **Ghosts of passion**: martyrdom, gender, and the origins of the spanish civil war. Durham: Duke University Press, 2007.

CARLYLE, Thomas. **On heroes, hero-worship, and the heroic in history**. London: James Fraser, 1841.

CASALS MESEGUER, Xavier. **Miguel Primo de Rivera, el espejo de Franco**. Barcelona: Archivo Ediciones, 2004.

CASANOVA, Julián. **La Iglesia de Franco**. Madrid: Crítica, 2001.

CORTÉS CAVANILLAS, Julián. **La dictadura, el dictador**: rasgos históricos, políticos y psicológicos. Madrid: Talleres Tipográficos Velasco, 1929.

DE CASTRO, Mayka. Músculo colonial: el imaginario del cuerpo masculino franquista en la literatura sobre, y desde, Guinea Ecuatorial en los años cuarenta del siglo XX. **Revista de Historia Contemporánea**, Sevilla, n. 19, p. 87 112, 2015.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 15 - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JENSEN, R. Geoffrey. Jose Millan-Astray and the Nationalist 'Crusade' in Spain. **Journal of Contemporary History**, London, v. 27, n. 3, p. 425-447, jul. 1992.

JIMÉNEZ AGUILAR, Francisco. **Masculinidades en vertical**. Género, nación y trabajo en el primer franquismo. València: PUV, 2023.

KAMEN, Henry. **La Inquisición española**: mito e historia. Barcelona: Crítica, 2023.

LE BON, Gustave. **La psychologie des foules**. Paris: Félix Alcan, 1895.

MILLÁN-ASTRAY, José. Franco. **El Caudillo**. Salamanca: M. Quero y Simón Editor, 1939.

MORADIELLOS, Enrique. **Francisco Franco:** crónica de un caudillo casi olvidado. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.

MORADIELLOS, Enrique. Franco y el franquismo en tinta sobre papel: narrativas sobre el régimen y su caudillo. *In*: Casanova, Julián (coord.). **Cuarenta años con Franco**. Madrid: Crítica, 2015. p. 311-350.

MORADIELLOS, Enrique. La doctrina del caudillaje en España: legitimidad política y poder carismático durante el franquismo. **Hispania**, Madrid, v. 76, n. 254, p. 789-817. 2016.

MORANT I ARIÑO, Toni. Der Caudillo wird nur durch seinen eigenen Willen begrenzt. Der Franco-Mythos in Spanien, 1936-1945. *In*: Hein-Kircher, Heidi; Ennker; Benno. **Der Führer in Europa des 20:** Jahrhunderts. Forschungen zu Kult und Herrschaft der Führerregime in Mittel-, Ost- und Südosteuropa. Marburg: Herder Institut, 2010, p. 157-180.

NASH, Mary. **Rojas**: las mujeres republicanas en la Guerra Civil. Madrid: Taurus, 1999.

NOBLET, Bertrand. Parias de la virilidad: hombres «afeminados» en los manuales de historia de la España franquista. **Ayer**, Madrid, n. 125, p. 179 206, 2022.

NOBLET, Bertrand. **Virilidad nacional**: modelos y valores masculinos en los discursos del franquismo. Madrid: Traficantes de Sueños, 2021.

PAYNE, Stanley G. **Fascism in Spain**, 1923–1977. Madison: University of Wisconsin Press, 1999.

PRESTON, Paul. **Franco**: Caudillo de España. Barcelona: Debolsillo, 2004.

PRESTON, Paul. **The Spanish Civil War**: reaction, revolution and revenge. Revised and expanded edition. New York: W.W. Norton & Co., 2007.

QUIROGA, Alejandro. Spanish Fury: Football and National Identities under Franco. **European History Quarterly**, London, v. 45, n. 3, p. 506–529, 2015.

QUIROGA, Fernández de Soto, Alejandro. **Miguel Primo de Rivera**: dictadura, populismo y nación. Barcelona: Crítica, 2022.

REIG TAPIA, Alberto. **Franco "Caudillo"**: mito y realidade. Madrid: Tecnos, 1995.

RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, José Luis. Una unidad militar en los orígenes del fascismo en España: la Legión. **Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea,** Alicante, n. 5, p. 219-240, 2006.

RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, José Luis. **¡A mí la Legión!**: de Millán Astray a las misiones de paz. Madrid: Planeta, 2005.

SÁNCHEZ ZAPATERO, Javier. Representaciones falangistas de la virilidad en La fiel infantería de Rafael García Serrano. **Revista de Estudios Hispánicos**. Salamanca, v. 49, n. 2, p. 233-254, 2017.

SANZ HOYA, Julián. **España en camisa azul**: falange, cultura política y poderes locales. Granada: Comares, 2022.

SANZ HOYA, Julián. Falangismo y dictadura: Una revisión de la historiografía sobre el fascismo español. *In*: Ruiz Carnicer, Miguel Ángel (coord.). **Falange**: las culturas políticas del fascismo en la España de Franco (1936-1975). Zaragoza: Institución Fernando el Católica, 2013. p. 25-60.

SAZ CAMPOS, Ismael. Franco, ¿caudillo fascista? Sobre las sucesivas y contradictorias concepciones falangistas del caudillaje franquista. **Historia y Política**, Madrid, n. 27, p. 27–50, 2012. Disponível em: https://recyt.fecyt.es/index.php/Hyp/article/view/41233. Acesso em: 20 dez. 2025.

SAZ CAMPOS, Ismael. **Fascismo y franquismo**. Valencia: Universitat de València, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71 99.

SEVILLANO CALERO, Francisco. **Propaganda y medios de comunicación en el franquismo (1936-1951)**. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 1998.

SEVILLANO, Francisco. **Franco**. Caudillo por la gracia de Dios. Madrid: Alianza, 2010.

THEWELEIT, Klaus. **Male Fantasies**. women, floods, bodies, history. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

TOGORES SÁNCHEZ, Luis Eugenio. **Millán Astray**: legionario. Madrid: La Esfera de los Libros, 2011.

TSUNETOMO, Yamamoto. **Hagakure**: o livro do samurai. São Paulo: Editora Ícone, 2006.

VINCENT, Mary. La reafirmación de la masculinidad en la cruzada franquista. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, Madrid, v. 28, p. 135-151, 23 nov. 2006. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/view/CHCO0606110135A. Acesso em: 2 mar. 2026.

ZENOBI, Laura. **La construcción del mito de Franco.** Madrid: Cátedra, 2011.

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH
Revista Tempo e Argumento
Volume 18 - Número 48 - Ano 2026
tempoeargumento.faed@udesc.br